

1

AJLS – Arquitectos é o atelier formado em 1992 por João Sequeira e Luísa Sequeira. **João M. B. Menezes de Sequeira** (Lisboa, 1959) é licenciado em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da U.T.L. (1990). Mestre em Desenho Urbano pelo I.S.C.T.E., em 2000. Doutorando em Arquitectura na Faculdade de Arquitectura da U.T.L. desde 2006. É docente no Curso de Arquitectura da Universidade Lusófona. Foi o arquiteto responsável pelo projecto que vence a International Competition Architecture and Renewable Energy Sources (ARES-Competition) promovido pelo International Work Program da UIA e pela TEE - Technical Chamber of Greece, em 2007 e pelo projecto que vence o What If New York City ... Design Competition for Post-Disaster Provisional Housing, promovido pelo New York City Office of Emergency Management (OEM) que decorreu em 2007-08. **Luísa Paiva Menezes de Sequeira** (Lisboa, 1966) é licenciada em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da U.T.L. (1990). Mestre em Teoria da Arquitectura pela Universidade Lusófona de Lisboa, em 1998. É docente na Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusófona de Lisboa.

2

Albert Cuchí é doutorado e professor na Universidade Politécnica da Catalunha. Trabalha sobre o tema da sustentabilidade e arquitectura, tanto na docência como na investigação. É colaborador de diversas instituições – como a Agência de Ecologia Urbana de Barcelona e o Governo autónomo da Catalunha – e assessor do Ministério da Habitação do Governo de Espanha. Foi o proponente dos temas ambientais da equipa redactora da candidatura de Saragoça à Expo 2008 sobre «A água e o desenvolvimento sustentável». Foi autor da secção sobre edificação da Estratégia Espanhola do Meio Ambiente Urbano Sustentável, e do recente relatório sobre a estratégia espanhola do sector da edificação perante as alterações climáticas.

3

O estúdio **Alchemy Architects** tem como missão projectar estimular, cativar e projectar eficientemente e a baixo custo para um vasto público. A sua abordagem à arquitectura combina um processo de colaboração e relacionamento divertido com o cliente, e parcerias com construtores e fabricantes para criar uma mistura harmoniosa de lugar, construção e comunidade. Com as práticas sustentáveis como princípio de trabalho, utiliza a reciclagem, a reutilização e estratégias construtivas de redução de resíduos. A inovação do sistema "wee-House" de pré-fabricação ganhou reconhecimento internacional.

4

André Tavares nasceu no Porto em 1976. É licenciado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (2000). Tem produzido investigação sobre a interferência do betão armado na metodologia dos arquitetos no início do século XX. É autor dos livros «*Arquitectura antituberculose, trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e Suíça*» (Faup-publicações, 2005) e «*Os fantasmas de Serralves*» (Dafne, 2007). É coordenador editorial na Dafne Editora.

5

Andreas Strauss estudou com Helmut Gsöllpointner e Elsa Prochazka na Faculdade de Belas-Artes em Linz. Foi membro dos grupos TIMES'UP, e co-fundador do IRRATIONALISIERUNGSGSINSTITUTS. Colaborou com o grupo BILDERWERFER e "Triclops international". Os seus projectos e trabalhos, nas áreas da pintura, design e arquitectura, estiveram expostos, entre outros, na Áustria, Formosa, Japão, Austrália, e França.

6

Alexandre Teixeira da Silva (1967) e **Miguel Ribeiro de Sousa** (1963) são arquitetos pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto em 1992. No mesmo ano iniciam actividade profissional independente, associando-se na criação um escritório de arquitectura, a **Arquiporto**, onde exercem desde então. Entre as suas obras mais relevantes, conta-se o Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra (1992-1995), o Quarteirão Trombeta, Bairro Alto, Lisboa (1996 - 2002), o Centro Residencial de Formação Empresarial dos Arcos de Valdevez (1997-2002), as Casas no Gerês, Caniçada, Vieira do Minho MS #01 e MS #02 respectivamente em (2002-2005) e em (2004-2006).

7

Barbini e Silva Arquitectos é o atelier por Flavio Barbini e Maria João Gonçalves da Silva Barbini. **Flavio Barbini** nasceu em Monza, Itália, em 1966. Licenciou-se em Arquitectura pelo Politécnico de Milão (1991) e fez uma Pós-Graduação em Desenho Urbano pelo ISCTE (2002). É Professor Auxiliar convidado do Departamento de Arquitectura da Universidade Autónoma de Lisboa desde 2001. **Maria João Gonçalves da Silva Barbini** nasceu em Lourenço Marques, Moçambique em 1966. Licenciou-se em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (1991). Tem atelier próprio desde 1996. Em 2001, com João Luís Carrilho da Graça, ganharam o Concurso para o Centro de Coordenação Operacional da BRISA em Carcavelos. Recentemente têm desenvolvido o Projecto de Reabilitação das Antigas Adegas da Quinta do Barão, para a instalação do Museu do Vinho de Carcavelos, e o Projecto de restauro da Bateria da Crismina no Guincho, Cascais, para a instalação de um restaurante.

8

Cristina Guedes é licenciada em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (1991) e pós-graduada em Planeamento e Projecto do Ambiente Urbano (FAUP/FEUP) em 1996. Estagiou no atelier de Siza Vieira (1989-90). Leccionou no Departamento de Arquitectura da Universidade Autónoma de 2002-03. Lecciona a cadeira de Projecto na Universidade Lusófona do Porto desde 1994. **Francisco Vieira de Campos** é licenciado em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (1992). Estagiou no atelier de Eduardo Souto de Moura (1989-91). Lecciona a cadeira de Projecto no Departamento de Arquitectura da Universidade Lusófona do Porto

desde 1998. Mantém desde 1994 atelier no Porto, tendo obtido prémios e realizado obras no seguimento de concursos públicos. Realizaram conferências, seminários e workshops no Porto, Lisboa, Coimbra, Braga, Aveiro, Barcelona, Salamanca, Valência, Terragona, Zurique, Bochum, Piran. Participaram em exposições nacionais e internacionais como "Metaflux" (9ª Bienal Internacional de Arquitectura, em Veneza), Bienais de Arquitectura de Montevideu e São Paulo, e "Portugal Now", Nova Iorque. Foram convidados para as críticas semestrais da Academia de Arquitectura de Mendrisio e ETH Zurique em 2007.

9

Daniel Blaufuks tem trabalhado na relação entre fotografia e literatura, através de obras como *My Tangier* com o escritor Paul Bowles. Mais recentemente, *Collected Short Stories* apresentou vários dípticos fotográficos numa espécie de "prosa de instantâneos", um discurso baseado em fragmentos visuais, que insinuam histórias privadas a caminho de se tornarem públicas. A relação entre o público e o privado tem sido uma das constantes interrogações no seu trabalho. Utiliza principalmente a fotografia e o vídeo, apresentando o resultado através de livros, instalações e filmes. O seu documentário *Sob Céus Estranhos* foi apresentado no Lincoln Center em Nova Iorque. Algumas das suas últimas exposições foram no Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Palazzo delle Papesse, Siena, LisboaPhoto, Centro Cultural de Belém, Lisboa, Elga Wimmer Gallery, New York, e Photoespaña, Madrid, onde o seu livro *Sob Céus Estranhos* recebeu o prémio de melhor edição internacional do ano de 2007, ano em que foi igualmente galardoado com o prémio BES Photo.

10

Francisco Ferreira é licenciado em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (1991). É professor no Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho desde 1997. Em 2000, frequenta o Mestrado em Arquitectura *Metropolis* com a dissertação "Silent Witness - Introdução ao Imaginário Arquitectónico e Urbano de John Hejduk", sob orientação de Maurici Pla. Desde 2004, desenvolve a Tese de Doutoramento no Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho sob o tema *A Cápsula e a Vanguarda Arquitectónica do Pós-guerra, circa 1956*, sob orientação de Paulo Varela Gomes e de Marina Lathouri.

11

Francisco Mangado nasceu em Navarra em 1957. É arquiteto pela Escola Superior de Arquitectura da Universidade de Navarra, onde desenvolve o seu trabalho como professor assim como na Graduate School of Design da Universidade de Harvard, na UTA, Texas e na Universidade Internacional da Catalunha, entre outras. Recebeu, entre outros, o prémio de arquitectura Andrea Palladio, o prémio Architecti, o prémio da CEOE e o prémio FAD. Mais recentemente recebeu, com o projecto para o Estádio de Futebol "Nueva Balastera" em Palência, o primeiro prémio nos Prémios Saloni de Arquitectura 2007, o primeiro prémio na II Edição do Prémio de Arquitectura do COAL (na categoria de Nova Edificação de Edifícios Públicos) e o Grande Prémio Enor de Arquitectura 2007. Do seu trabalho destacam-se projectos como o do Palácio de Congressos de Palma de Maiorca, o Pavilhão de Espanha para a Exposição Internacional de Zaragoza 2008, uma torre de habitação em Santa Coloma de Gramanet, uma torre de escritórios em L'Hospitalet de Llobregat, o Museu de Belas Artes das Astúrias em Oviedo, e uma torre de escritórios em Buenos Aires.

12

Pedro Cortesão Monteiro nasceu em Lisboa em 1965. É licenciado em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (1990). Pós-Graduado em Design de Equipamento e Produtos pela Universidade do Porto (1992). Mestre em Design Industrial pela FAUP (1998). É aluno do Curso de Doutoramento em Design da FA/UTL. Docente da licenciatura em Design na Universidade Lusófona de Lisboa desde 1995 onde dirige a revista de design «arliquédo». Desde Setembro de 2005 é editor do Jornal Arquitectos.

13

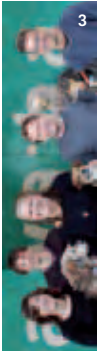
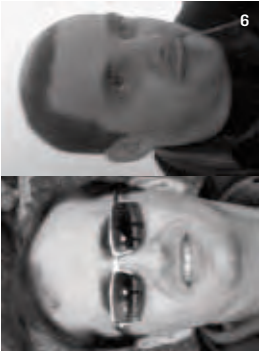
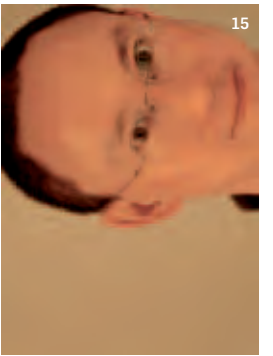
PROMONTÓRIO foi fundado em Lisboa, em 1988, por João Perloiro (FA/UTL, 87), João Luís Ferreira (FA/UTL, 88), Paulo Perloiro (FA/UTL, 88), Paulo Martins Barata (FA/UTL, 88, MBA, U. Edimburgo, 91 e Ph.D ETH Zurich, 00) e por Pedro Appleton (FA/UTL, 93 e M.Sc. Reabilitação, 95), tendo, em 2005, aberto escritório em Madrid com o arquiteto Adrian Beloso-Baker como responsável. Desde o início, a equipa funciona numa estrutura coesa, orientada para o desenvolvimento de projectos de grande escala urbana, quer em termos de dimensão, quer em termos de programa. Desde escolas, museus e edifícios institucionais, a habitação, escritórios, hotéis e outros programas mistos, o atelier tem desenvolvido projectos para Portugal, Espanha, Angola, Brasil, Cabo Verde, Itália, Suíça, Alemanha, Turquia, Bulgária, Hungria, Geórgia e Rússia.

14

Shakil Rahim é licenciado em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (2003) e pós-graduado em Urbanística pelo Instituto Superior Técnico (2006). É investigador e docente de Desenho no IADE, e doutorando em Arquitectura na FA/UTL com tese nas relações entre desenho de observação e desenho arquitectónico. Em 2004, foi-lhe atribuída a bolsa do programa Cidade e Democracia, promovida pela FJ/ Ordem dos Arquitectos SRN, onde investigou a transformação urbana e arquitectónica da cidade da Horta (Açores). Colaborou no atelier do arquiteto Vítor Figueiredo, e trabalhou no Departamento de Conservação e Reabilitação Urbana da Câmara Municipal de Lisboa (2004-06). Colaborou no centro de estudos de arquitectura e urbanismo do Departamento de Arquitectura do ISCTE (2006). Já expôs os seus trabalhos de arquitectura em Lisboa e Nova Iorque.

15

Wilfred Wang é Professor de Arquitectura na Universidade do Texas em Austin, e fundador do atelier Hoidn Wang Partner em Berlim. Estudou arquitectura em Londres. Foi co-editor da *9H Magazine* e co-director da *9H Gallery*. É autor de várias monografias e topografias sobre a arquitectura do séc. XX.



JA230 STANDARD
EDITORIAL

All our activities, from the most elementary – such as habitating, feeding, travelling – to the most complex ones, are aided by the existence of standardised products that are mass manufactured or created in accordance with well-defined rules and almost always originating in an area very distant from their place of consumption, application or use. Indeed, this situation is by no means new. ¶ Standardisation processes have been applied successfully ever since classic antiquity. In the Roman world, products were marketed and traded throughout the whole empire with great efficiency, after a quality control carried out at the place of origin. Goods transport made it necessary to systematise and regulate the dimensions of products and their containers in a way that is not very different to the rule today. ¶ The 19th century brought with it standardisation processes that have been successively applied since, though not without resistance from groups that viewed them as culturally *unqualified*. This resistance was never fully abandoned in the western world. Nevertheless, the dominant behaviour is very much that of a culture of aspiration to the standard. Mass production and the standard were assimilated into western culture to minimise production costs, thus allowing for a more advantageous situation for all involved in the process, including the consumer, who was able to acquire, at a low cost, a product that would otherwise be unattainable. In order to simplify the production, transport and perception process, products gradually became similar to one another, as borne out by a visit to any supermarket. Not only what is for sale but also the type of shelving, the dimensions of the aisles, the lighting and even the building housing all this are identical in all stores of the same group. ¶ Architecture has always oscillated between fascination with the spirit of mass production and the impossibility of putting it into systematic practice. This edition of JA looks at the question of the standard, in an attempt to understand the way in which operative architectural production is absorbed by the dominant market system. The market seeks to regulate all commercial and social activities, whereas architects seeks new combinations, uses and, above all, new meanings while working with the possibilities. But how can one adapt experimentation, search for meaning and the development of other more sustainable habitation possibilities to the standardised construction of housing, hotels, office buildings, factories, tourist facilities and hypermarkets?

Standard

WILFRIED WANG

Over the last century, standards, once associated with quality assurance in early industrialization, have now become instruments in the mechanistic and atomistic control of phenomena. Have we lost sight of their original purpose? Is there a danger that architectural culture will be squeezed both at the atomistic level by nit-picking standards as well as at the global level by blanket populist goals such as a 20% reduction in CO2 emissions? Is it too late for the introduction of general standards for the architectural product: the overall design?

The spirit of mass production

PEDRO CORTESÃO MONTEIRO

The modern dream of the spirit of industrial mass production ended in relative failure. Whereas, on the one hand, its inclusion in the official history of architecture is practically non-existent and it is reduced to mythification, with repetition of the same inconsistent examples, on the other hand, a parallel life, a kind of bastard offspring, did strike out on its own path. Architecture did not quite make it to industry, as it had wanted, but that did not stop industry from making houses. In mass production. Where and why did the architects lose their way to this architecture?

The standard as a maximum

ALBERT CUCHI

Our productive model is based on the expansion of production through the industrialisation process. Standardisation – the definition of standards – is an instrument that enables us to homogenise products and, thus, expand markets and further industrialisation. ¶ The extension of production therefore depends on the homogenisation of products and – with these – of the means of satisfying needs and, ultimately, the way in which needs are identified, generating a global culture for all humanity. However, this process is now encountering limits that will make it necessary to redefine it and, with it, the advantageousness of standardised processes.

In praise of the angle grinder

ANDRÉ TAVARES

Building in Portugal does not escape the conventional logics that stabilise standards and behaviours. Conditioned by regulatory practices or market conditions, the adoption of standardisation practices covers, to a large extent, questions of scale and specialisation of the construction. If it is true that the luxury of concentration on specialised industrial production is gaining ground in the contemporary economy, the precariousness of employment and the intermediate scale that characterise the greater part of building work transforming the landscape continue to legitimise unqualified construction processes that are as far from craftsmanship as they are from the industrial. In construction work, the angle grinder continues to adjust standardised elements to the precise measurements required on the building site.

Vehicles of desire: houses as cars, ca. 1956

FRANCISCO FERREIRA

Advertising images from the years following the Second World War reconfigured architecture's referential territory as a pop landscape, bringing to reflection on the discipline conceptual processes that dealt with notions of spontaneity and immediate incorporation in view of a reality defined by strong imagery. Both representative of and a precursor to this development, the Independent Group (IG) was to assert itself as a catalyst for a series of meetings, debates and conference that covered themes such as science fiction, fashion, technology, aesthetics, science, cinema and automobiles. Although they were members of the IG, the architects Alison and Peter Smithson reacted in a more introverted way to the fascination with advertising culture and transformed it into a preoccupation: that of understanding this visual panorama so as to be able to bring the basic assumptions of architecture into line with these other powerful and exciting stimuli. ¶ The text aims at giving a brief interpretation of this comprehension process, analysing the formal, spatial and technological features of the House of the Future, as compared to the assumptions of mass culture, represented by the car, which articulates new standardisation assumptions based on a logic of the use of architecture as a finished and replaceable product, but in accordance with the conception principle of the artefact in evolution.